

# Solano López – Napoleão ou Átila do Prata?

*Aureliano Pinto de Moura\**

RESUMO

O autor, neste ensaio, percorre toda a vida de Francisco Solano López e analisa as suas ações como homem, general, diplomata, presidente e militar, a fim de tentar um perfil que o defina. E deixa ao leitor a pergunta do título de seu escrito, porque Solano López foi, em realidade, apenas Francisco Solano López.

PALAVRAS-CHAVE

Solano López, Paraguai, Guerra do Paraguai, Guerra da Tríplice Aliança.

Quando se fala sobre a Guerra da Tríplice Aliança, logo se destaca a figura do Marechal Francisco Solano López, Presidente da República do Paraguai e Comandante-em-Chefe das suas Forças Armadas.

Personalidade imponente, um cavalheiro no trato social, temperamental, violento e vingativo. Herói nacional, para o povo paraguaio. Admirado por uns e odiado por outros. As opiniões a seu respeito são contraditórias. Faz-se necessário repensar sobre esta marcante figura da história política e militar da Bacia do Prata, no século XIX.

## O homem

Francisco Solano López nasceu em Assunção, no dia 24 de julho de 1826, sendo filho de Carlos Antônio López e de D. Juana Pabla Carrillo.

Carlos Antônio López, licenciado em leis, durante o governo de José Gaspar Rodrigues de Francia, procurou manter-se afastado das lides políticas. Carlos López dedicava-se aos seus estu-

dos, o que lhe permitiu destacar-se, culturalmente, entre seus concidadãos.

D. Juana Pabla Carrillo era enteada de um rico fazendeiro paraguaio: D. Lázaro Rojas.

Solano López era o mais velho dentre cinco filhos de Carlos Antônio López. Eram seus irmãos: Inocência, Venâncio, Rafaela e Benigno.

Com seu pai, Solano aprendeu as primeiras letras. Na adolescência com seu preceptor, o argentino Juan Pedro Escalada, estudou a geografia, a história, a aritmética, a gramática e iniciou a leitura dos clássicos. Com os clérigos dedicou-se ao latim, à filosofia, à teologia e ao francês. Na época, um homem de cultura dentre seus pares, (Gutierrez Escudero)

Desde pequeno foi independente, rebelde e dotado de grande amor próprio.

Aficionado pela leitura, procurava trazer livros de Buenos Aires e da Europa. Particularmente sobre Napoleão Bonaparte. Nos esportes, destacou-se na esgrima e na equitação.

“Temperamento forte e grande orgulho pessoal, de vontade indomável e exagerado amor pró-

\* O autor é General-de-Divisão Médico e historiador. Atual Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil - IGHMB.

prio (...) melhor dotado do que seu pai para as tarefas de governo. Prudência e serenidade não lhe faltavam; não era tão impulsivo e alocado em suas decisões como se tem dado a dizer...". (Arturo Bray)

Era um homem sensível, agindo mais pelo impulso do que pela razão. Um patriota ao seu modo. Na Europa, teria sido iniciado na Maçonaria.

Aos 15 anos, enfrentou uma séria revelação. Em 20 de setembro de 1840, por ocasião da morte de D. Gaspar de Francia, tomou conhecimento, por um companheiro seu, de que D. Carlos López não era seu pai. D. Juana Carrillo casara grávida de seu padrasto, D. Lázaro Rojas, seu padrinho de batismo.

Por respeito a D. Carlos López e a sua mãe, nada comentou sobre esta revelação. (Gutierrez Escudero)

Em 14 de março de 1844, Carlos López assumiu a Presidência do Paraguai. Em seguida, incorporou Solano López ao Exército, como coronel, sem nunca ter passado pela caserna ou frequentado uma academia militar. Tinha então 18 anos de idade. (Arturo Bray).

Em 1845, com 19 anos, foi promovido a brigadeiro e nomeado chefe do Exército e ministro da Guerra.

### O general

Ao se ver chefe do Exército, uma das suas primeiras iniciativas de Solano López foi organizar as mediocres forças militares paraguaias, colocadas em plano secundário por Gaspar de Francia. Organizou os quadros, criou unidades, aumentou efetivos, elaborou regulamentos e ordenanças. Construiu quartéis e alojamentos.

Em seguida, iniciou a compra de material bélico, deu ênfase à instrução e ao adestramento da tropa. Tudo diretamente sob as suas ordens. O seu objetivo foi dotar o Paraguai de uma força militar que impusesse o respeito aos seus vizinhos. (Arturo Bray)

A situação política, no Prata, levou Carlos López assinar, em 21 de novembro de 1841, um

tratado de aliança, ofensiva e defensiva, com a Província de Corrientes. O Paraguai assumiu o compromisso de apoiar aquela província com dez mil homens, em caso de necessidade. Corrientes, por sua vez, não trataria mais com nenhum governo provincial argentino, sem primeiro obter a concordância do Paraguai. Além disso, Corrientes cedeu, ao Paraguai, o território entre Tranquera de Loreto e a fronteira brasileira, na costa do Paraná.

No ano seguinte, em 1846, o relacionamento entre Corrientes e Entre Ríos ficou tenso. Chegara o momento de o Paraguai cumprir o seu compromisso, com Joaquim Madariaga, Governador de Corrientes, contra o General Justo José Urquiza, de Entre Ríos, aliado de Juan Manoel Rosas, ditador portenho. A soberania paraguaia não estaria segura enquanto Rosas tivesse algum poder. Diante da situação, Carlos López decidiu enviar tropa em apoio a Mandariaga. Rosas era, abertamente, o maior contestador da soberania paraguaia e da livre navegação.

Foi organizada, no Paraguai, uma força militar de 4.500 homens, sob o comando de Solano López. Na oportunidade, foi introduzida, na tropa, a nova bandeira tricolor. A tropa seguiu para Corrientes, passando integrar as forças do General José Maria Paz.

Durante sua permanência em Corrientes, Solano López foi alvo de todas as honras militares que lhe eram devidas. Pela sua pouca idade passou a ser conhecido como "el generalito".

Em 4 de fevereiro, Urquiza invadiu Corrientes, capturando o irmão de Joaquim Mandariaga, Governador da Província. Com essa derrota, foi aceito o "convênio de Alcaraz", que pôs fim ao conflito.

Durante o episódio, as forças paraguaias estavam frente a frente às tropas de Urquiza. Este, inesperadamente, sem procurar combate, retirou-se da sua posição. Havia recebido ordem para não atacar Solano López. A atitude tomada por Urquiza foi interpretada por Solano López como

“possível medo de Urquiza”, para enfrentar os “...disciplinados e aguerridos batalhões...” paraguaios. (Arturo Bray)

Em fevereiro de 1846, parte da força expedicionária paraguaia demonstrou o desejo de reivindicar uma convocação extraordinária do Congresso, para realizar algumas reformas políticas no país. Solano López enfrentou o movimento e dominou a situação. Para evitar futuros problemas mandou fuzilar as lideranças

Com a retirada de Urquiza, Solano López determinou o retorno de suas forças. Regressou sem proporcionar à tropa um mínimo de experiência de combate. (G. Escudero)

Conforme Arturo Bray, “...o Exército paraguaio era mal armado e pior instruído, sem experiência guerreira, a mando de um general bisonho e adolescente”. “...Adornaram demais este jovem com belas qualidades pessoais, mas nenhum conhecimento militar, e o que é mais, nenhuma idéia da guerra e o modo de fazê-la...” diria o General José Maria Paz.

Em 1849, novamente, as forças paraguaias atravessaram o Rio Paraná. Uma divisão invadiu Corrientes e seguiu para as barrancas do Rio Uruguai, procurando chegar à fronteira brasileira. O Paraguai disputava, com a Província de Corrientes, este território.

Um ataque correntino, de surpresa, levou os paraguaios a debandar. Foi uma situação vergonhosa. Solano López, furioso, ordenou o fuzilamento de todos os oficiais. A partir daí era a liderança pelo terror.

Em 1851, a situação no Prata voltou a ficar por demais tensa, preste a explodir. Urquiza, liderando Entre Ríos e Corrientes, resolveu enfrentar o ditador Juan Manuel de Rosas. Prontamente Solano López levou as suas tropas para o Passo da Pátria, onde permaneceu em condições de atuar em território argentino. (T. Fragoso)

O assédio ao Paraguai massageou o ego de Solano López que passou a crer “...que nada poderia ser realizado na região platina sem a parti-

cipação de seu país e em especial do exército que ele havia criado”. (Arturo Bray) Esta autoconfiança, por certo, levou-o a envolver-se na maior tragédia bélica da América do Sul.

### **O diplomata**

*Em 12 de junho de 1853, Solano López embarcou no vapor Independência Del Paraguai, com destino à Europa. O objetivo da viagem foi ratificar tratados de comércio e amizade com países da Europa.*

Solano López via o futuro do Paraguai além fronteiras, no relacionamento internacional, no intercâmbio, com as nações européias.

Acompanhado de um séquito, seguiu para o velho mundo como Ministro Especial Plenipotenciário. Acompanhavam-no o seu irmão Benigno e os capitães Yegros, Brizuela e Aguiar. Em sua bagagem, uma boa importância em dinheiro.

Havia uma outra intenção nesta viagem. Adquirir material bélico, barcos de guerra e contratar técnicos e assessores militares. As intenções não estavam voltadas só para a guerra, mas também para as áreas de arquitetura, educação, saúde e imprensa. (Arturo Bray)

Na Espanha, Solano López não foi muito feliz. O país estava enfrentando uma séria crise política resultante da morte de Fernando VII. E os espanhóis pleiteavam indenizações pelos prejuízos causados pela independência paraguaia.

Em Paris, foi recebido na Corte de Napoleão III, com todas as honras e atenções. Pois a França tinha grandes interesses em manter suas ligações com a América Latina. Solano López ficou deslumbrado não só com a Corte, mas também com Paris.

Foi recebido na Tullerias em audiência pública e solene. Durante sua permanência em Paris frequentou a Corte, desfrutando de uma vida social e diplomática intensa.

Participou de um desfile militar, nos Campos Elíseos, sendo-lhe concedido o comando da solenidade e convidado a passar em revista as tro-

pas. Uma especial deferência, de Napoleão III, ao jovem ministro. (Arturo Bray)

Ao observar as tropas francesas, não ocultou o seu orgulho pelos seus soldados, declarando: "...com meus paraguaios tenho o bastante para os brasileiros, argentinos e orientais; e ainda com os bolivianos, se se meterem a sonsos." Esta afirmativa mostra como em seu íntimo sentia o que mais cedo ou mais tarde viria ter de enfrentar. (G. Escudero). Já pensava em um futuro confronto com seus vizinhos.

A convivência de Solano López na Corte francesa deixou-o muito influenciado pela "política de equilíbrio entre as nações" preconizada por Napoleão III. Fez crescer ainda mais sua admiração por Bonaparte, cujo túmulo visitou por várias vezes.

As maledicências o acusavam-no de ter adquirido vários uniformes semelhantes aos de Bonaparte, assim como uma réplica da coroa do imperador. Daí talvez ter sido denominado o "Napoleão do Prata". (G. Escudero)

Alguns de seus detratores afirmam que o motivo de sua ida à Europa foi "...para dar rédea solta a sua paixão pela bebida e pelas mulheres". Soube gozar a vida, mas não se pode negar os efeitos positivos do relacionamento diplomático realizados. O seu desempenho em relação ao fortalecimento de suas forças armadas e ao recrutamento de técnicos não pode ser menosprezado, pois efetivamente contribuiu para o desenvolvimento do país.

Solano López não deixou de freqüentar a noite. A sua boemia só acalmou pós conhecer Elisa Alicia Lynch, irlandesa, esposa de um militar francês, em serviço na Argélia.

A vida amorosa de Solano López foi sempre agitada. Antes de sua viagem à Europa teve, em 1850, um filho (Emiliano), de seu relacionamento com Juana Paula Pessoa. Este rapaz residiu nos Estados Unidos e na França, só retornando ao Paraguai após a guerra. Deste mesmo relacionamento nasceram Adelina Constanza (em

1851) e José Felix (em 1861). Reconhecida publicamente, existia também outra filha: Rosita Carreras, que não constou da relação dos filhos reconhecidos (R. Rubiani)

Nos idos de 1959, já de volta em Assunção, Solano López enamorou-se de Carmelita R. "...A mais bonita de Assunção, a mais entusiasmada nos bailes e a mais alegre na conversação." Estava ela preste a casar-se com D. Carlos Decoud. Solano López assediou-a da maneira "...mais vergonhosa...", sendo rechaçado. Mas afastou-se, jurando vingar-se.

Dias depois, Carmelita soube da prisão de seu noivo, junto com seu irmão. "Presos e encarcerados; ninguém sabia o motivo...". Haviam sido acusados de conspiração.

Passado algum tempo veio a notícia de vários fuzilamentos. Dentre as vítimas estavam D. Carlos Decoud e seu irmão. Seu corpo nu, e todo mutilado, foi jogado em frente à porta de sua noiva. (F. Mastermann).

Em 4 de junho de 1865, pouco antes de partir para a guerra, Solano López reconheceu todos os seus filhos. Só não foram reconhecidos os nascidos posteriormente.

Há divergências quanto à maneira com que Solano López conheceu Elisa Lynch. O certo é que viveram um idílio iniciado na França e terminado em Cerro Corá. Ao resolver levá-la para o Paraguai, contrariou os conselhos de seu irmão Benigno. Desde aí nunca mais os dois irmãos voltaram a ter um relacionamento fraterno. (Arturo Bray)

Elisa Lynch chegou ao Paraguai grávida de Juan Francisco (morto em Cerro Corá). Além deste, posteriormente nasceram: Corina, Adelaida, Frederico, Enrique e Leopoldo. Este último falecido em alto-mar por ocasião da viagem para a Europa.

A sociedade assuncenha não recebeu bem Elisa Lynch. A começar por Carlos Antônio López e pela Igreja. Mas não há dúvidas da grande influência que exerceu sobre Solano López. Há quem diga que ela foi a principal culpada da sua

desgraça. Protegeu gente, assim como levou outras à desgraça e mesmo à morte.

Elisa Lynch, para alguns autores, tinha duas ambições: casar-se com Solano López e fazê-lo “...o Napoleão do Novo Mundo”.

Para alguns autores, Solano López alimentava, em seu íntimo, a ambição. Sonhava em vir a “...ser coroado imperador e formar um império no Rio da Prata, a imagem do francês...”. Daí, segundo alguns autores, a sua pretensão de casar-se com D. Izabel, do Brasil. Idéia prontamente rechaçada por D. Pedro II. (G. Escudero)

*A imprensa de Buenos Aires não dava sossego a Solano López, ridicularizando os seus sonhos de grandeza, assim como freqüentes referências pouco lisonjeiras a respeito da “...vida irregular com Mme. Lynch e seu duvidoso passado...”. Estes ataques da imprensa vieram pesar no comportamento de Solano López, em relação ao Governo argentino, no período que antecedeu a guerra. (G. Escudero)*

Em realidade, talvez, Solano López não tivesse a intenção de um confronto com os seus vizinhos. Mas apenas procurando o reconhecimento do direito da nação paraguaia, de influir na política platina. Não sendo considerado, com seu orgulho ferido e levado pela emoção, procurou conquistá-lo pelo poder militar. Conquistar pelas armas o que não lhe foi possível fazer através da diplomacia.

Em 11 de novembro de 1854, partiu de Bordéus, a bordo do *Taquari*, vaso de guerra adquirido na Inglaterra. Chegou, em Assunção, em 21 de janeiro do ano seguinte, encontrando tensa a situação política no Prata.

Discutiam-se questões de comércio, navegação e fronteiras. E José Pereira Leal, representante brasileiro, havia sido expulso do Paraguai.

Solano López sentiu ser confirmada a sua visão política da região, razão pela qual vinha organizando suas forças militares, adquirindo navios e material bélico, no exterior.

Para Frederic Mastermann, neste momento Solano López começou arquitetar a guerra.

Teria raciocinado que saído “...de uma república semibárbara, remota e desconhecida, as pompas, a falsa glória e as esplêndidas recordações de guerras e guerreiros de que se viu rodeado lhe ofuscaram”. Solano López “...não imaginava encontrar obstáculos para levantar seu prestígio no seio das nações sul-americanas...”.

Carlos López temia a influência européia que traria mudanças de costumes. Por isso confinou, em Nueva Bodeos (Chaco), franceses chegados ao Paraguai.

Retornando da Europa, Solano López passou pelo Rio de Janeiro onde foi recebido por D. Pedro II. Na oportunidade, tomou conhecimento da grave crise que se vislumbrava. Carlos López havia expulsado o encarregado de negócios do Brasil, por “...dedicar-se a intrigas e a impostura do ódio ao Supremo Governo do Estado, e de levantar atrozes calúnias”. D. Pedro II ameaçava enviar uma força naval para reparar a grave afronta.

Chegando em Assunção, Solano López recebeu todos os poderes militares e diplomáticos para resolver a crise com o Império. A situação não era fácil, pois Buenos Aires permitira a navegação dos navios brasileiros pelo Rio da Prata e Urquiza mostrou-se omissos.

As tropas paraguaias foram mandadas para Passo da Pátria e Humaitá. Independentemente, antes mesmo de qualquer conversação com o Almirante Pedro Ferreira de Oliveira, comandante da frota imperial. Segundo o Governo brasileiro, esta frota tinha a missão de intimidação. Na realidade, era uma frota de 20 embarcações de guerra, com 130 canhões e 3 mil homens de desembarque. Este acontecimento fez com que fosse decidida a fortificação de Humaitá, com orientação do Coronel Wisner Von Morgentern.

A frota brasileira não entrou em águas paraguaias. O comandante brasileiro seguiu sozinho para Assunção e lá exigiu reparação à ofensa, no que foi prontamente atendido. Aproveitou para discutir um tratado de limites, comércio e navegação. Mas, Solano López conseguiu pro-

telar as negociações para daí dois anos. As posições eram irreduzíveis.

O Paraguai conseguiu uma vitória diplomática, fazendo com que a presença da frota perdesse sua importância. Este resultado causou impacto na Corte brasileira. O Imperador não homologou o que fora acordado e exigiu novas negociações no Rio de Janeiro.

Solano López, em represália, cioso de sua autoridade, determinou que os navios brasileiros fossem fiscalizados nas Três Bocas, Humaitá, Assunção e Olimpo.

A Chancelaria brasileira mandou José Maria do Amaral para Assunção, no início de 1857. As acirradas discussões com Carlos López levaram o chanceler brasileiro a retirar-se, após notas de protesto. Tropas brasileiras seguiram para Mato Grosso e a imprensa brasileira pediu a guerra.

Diante da situação, seguiu para Assunção o Ministro do Exterior do Brasil, José Maria Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco. Em sua viagem, Rio Branco aproveitou para fazer contatos em Buenos Aires, visando uma possível aliança. Na oportunidade, assinou uma convenção regulando a navegação na Bacia do Prata, na expectativa de uma possível adesão do Paraguai. O resultado foram protestos em Assunção e Buenos Aires. O próprio Mitre disse "...não ser de interesse das Repúblicas do Prata auxiliar o Brasil em sua política invasora do território alheio...".

As manifestações de exilados paraguaios e políticos ligados a Urquiza levaram a Mitre declarar "...que não está a República Argentina em estado de empreender cruzadas libertadoras".

Paranhos chegou, em Assunção, em 7 de janeiro de 1858 e convidou Carlos López a aderir à Convenção do Paraná, no que foi rechaçado. Com receio de agravar a situação, resolveu designar Solano López para dialogar com Rio Branco.

Depois de muita discussão, Solano López concordou em assinar uma convenção semelhante à do Paraná. Mas com o Brasil reconhecendo a Baía Negra como fronteira entre os dois países,

no Chaco. Mais uma vez Solano López destacou-se nas lides diplomáticas.

A sua atuação repetir-se-ia na controversa colonização da Nova Bornéus, quando a canhoneira francesa *Bisson* chegou até Assunção para pressionar o Governo paraguaio, em fevereiro de 1858. Com sua atuação cautelosa acabou levando a bom termo as divergências com os franceses.

Neste mesmo ano, a título de cobrar indenizações, o Governo norte-americano enviou ao Paraguai uma frota de 19 navios (com 200 canhões), trazendo o juiz James J. Browlin como representante do Presidente Buchanan.

A presença da esquadra norte-americana no Rio da Prata fez o Brasil deslocar o navio *Araguay* com destino a Assunção. O mesmo fez o Ministro francês Lefebre Bicourt, que seguiu a bordo da *Bisson* até a capital paraguaia.

O encontro da representação norte-americana com Solano López deveria ter sido realizado em Corrientes. Mas Solano López retirou-se para Humaitá e depois para Assunção, quando soube que a frota já navegava no Rio Paraná.

Em 16 de janeiro de 1859, Urquiza chegou em Assunção para conciliar o conflito, mas a frota norte-americana não havia entrado em águas paraguaias. As conversações por Urquiza foram levadas a bom termo e os problemas "...seriam levadas à arbitragem e seriam feitas algumas concessões aos navios norte-americanos".

Em julho de 1859, Solano López foi levado a enfrentar a presença britânica, através de seu Ministro Dowgall Christie, que foi até Assunção propor a prorrogação do Tratado de Comércio, de 1853. Diante das discordâncias paraguaias, Christie retirou-se fazendo ameaças de retaliação ao Paraguai.

*As qualidades diplomáticas de Solano López voltaram a ser colocadas a prova quando foi solicitado arbitrar as diferenças entre a Confederação Argentina e o governo de Buenos Aires. No final de 1859, agravada a situação, Solano López seguiu para Buenos Aires como mediador da disputa.*

*Seguiu a bordo do Taquary, como “enviado extraordinário e ministro plenipotenciário”, acompanhado de numerosa delegação. Ao passar por Rosário de Santa Fé, entrevistou-se com Urquiza, seguindo, logo após, para Buenos Aires.*

Após várias reuniões, dificuldades foram contornadas, permitindo a assinatura do Convênio de União, em Alsina. Buenos Aires concordou em integrar a Confederação Argentina e prometeu aceitar a Constituição já em vigor. López facilitou o entendimento entre as partes. Por tal fato mereceu citação onde foi dado “...um voto de agradecimento ao Supremo Governo da República do Paraguai e o Exmo. Sr. Brigadeiro General Ministro Medador, Dom Francisco Solano López, que empregou com nobre e generoso empenho em seus bons e paternos ofícios para aproximar a união das partes dissidentes da República Argentina.” (G.Escudero)

*Ao retornar, a bordo do Taquary, Solano López, logo após a partida, se viu frente às canhoneiras britânicas: Bussard e Grappler. Diante da atitude hostil dos navios britânicos, Solano López preparou o Taquary para reação. Aconselhado pelo comandante do navio, assim como pelos seus maquinistas (todos ingleses), Solano López afastou-se do local, seguindo por terra até Paraná, onde embarcou no Iguerey, com destino à Assunção.*

Esta atitude inamistosa dos britânicos deu-se às tensas relações entre os dois países, em consequência da prisão de um súdito inglês por conspiração. Estas relações só vieram a se normalizar depois de firmada uma convenção, em 1862.

Os sucessos de Solano López em suas atuações diplomáticas mostram uma realidade: um homem hábil e inteligente. Estes sucessos fizeram, por certo, crescer seu ego, alimentado pela vaidade e pela ânsia de poder, passando a sentir-se de uma importância, talvez, superestimada.

### O presidente

Em 10 de setembro de 1862 morreu Carlos López. O país, por sua vez “...nada mais era do que uma possessão dos López”. (Arturo Bray)

Em documento secreto, Antônio López teria designado Solano López como vice-presidente provisório, até que o Congresso tomasse uma decisão em relação à sucessão presidencial. Há quem diga que teria sido pressionado pelo próprio Solano López, para que tomasse esta atitude. Para outros, Solano López teria adulterado o documento em seu proveito. (Arturo Bray) Benigno López teria sido o nome preferido, não só por Antônio López, mas também pela elite paraguaia. A realidade histórica não confirma estas suspeitas. Solano López sempre teve participação ativa nos negócios do Estado e sempre esteve prestigiado ao lado de seu pai. Ao contrário de Benigno, sem nenhuma participação.

Solano López conhecia o poder e a administração pública. Estava inteirado da diplomacia platina e por suas atuações ficou conhecido no exterior.

“Temperamento forte e grande orgulho pessoal, de vontade indomável e exagerado amor próprio (...) melhor dotado do que seu pai para as tarefas de governo. Prudência e serenidade não lhe faltavam; não era impulsivo e alocado em suas decisões como se tem dado a dizer...” (Arturo Bray)

Solano López estava com 36 anos, gozava saúde e possuía uma boa imagem. Exceto quando sorria (pela sua má dentadura). (Bray) Nada havia para que não pudesse pretender a Presidência da República. Era o homem mais indicado naquele momento.

No dia 16, reunido o Congresso, foi escolhido Solano López como novo presidente do Paraguai. O foi por unanimidade, para um mandato de dez anos. Durante os debates apenas uma voz se fez ouvir para algumas ponderações. Foi a voz de José Maria Varela. Disse ele: “...O país não seria nunca um patrimônio de uma só pessoa ou de uma só família.” (G.Escudero)

A primeira medida de Solano López após eleito foi mandar prender José Maria Varela, que viria falecer na prisão. Foram presos, também, Pedro Lescano, Presidente da Suprema Corte; e

Fidel Maiz, presbítero de grande saber, que viria se tornar íntimo colaborador de Solano López no futuro. De inimigo passou a ser conselheiro e o amigo favorito. Benigno López foi confinado no interior do país.

Em comemoração à eleição de Solano López, foi realizado um magnífico banquete, para trezentas pessoas, no Club Nacional de Assunción. No imenso salão foi colocado um trono, com seu correspondente dossel e degraus. O móvel trazia, em seu encosto, as armas da República.

Todas as altas autoridades estiveram presentes, assim como as representações diplomáticas dos Estados Unidos e da França e representações consulares.

Por volta das 22h, chegou ao local Solano López com seu irmão, Venâncio López, Ministro da Guerra, acompanhados de seus ajudantes. A caieira que o levou foi escoltada por um esquadrão do Regimento Aça-caraya. Solano López envergava o seu uniforme de gala, estilo francês, ostentando a faixa da Ordem Nacional do Mérito e um espadim, com empunhadura de ouro.

Os convidados, os criados de libré e o cardápio compunham o refinado e alegre ambiente. A carta de vinhos, em tudo, procurou imitar a corte francesa. (Arturo Bray)

Ao término da sobremesa, o Ministro Charles Ames Washburn, norte-americano, ergueu um brinde: “Eu brindo pela saúde do ilustre presidente do Paraguai; para que sua marcha seja tão honrosa para si mesmo e tão vantajosa para a sua pátria como o foi a de seu distinguido predecessor e pai”. (Arturo Bray)

Ao mesmo instante em que a elite e o corpo diplomático comemoravam, no refinado clube, o povo festejou o regozijo em bailes populares, com fogos de artifícios, danças folclóricas e folguedos típicos. Tudo acompanhado de libações alcoólicas e uma ceia.

Assumida a Presidência, Solano López nomeou seu Gabinete: Domingos Francisco Sanchez (Secretário de Governo e Vice-presidente); José Berges

(Relações Exteriores); Mariano González (Fazenda); e Coronel Venâncio López (Guerra e Marinha).

Cumprindo a etiqueta, inúmeras cartas foram dirigidas aos chefes de estado, dos vários países, com os quais o Paraguai mantinha algum relacionamento. Dentre estes estava a França de Napoleão III, que prontamente contestou a correspondência recebida, com “...efusivos votos de êxito ao bom amigo”.

O início do governo de Solano López foi de paz e prosperidade. Mas sempre preocupado com a defesa nacional.

Considerando a preocupação quase obsessiva com a defesa do país, Arturo Bray interroga: “O Paraguai se arma com um exército de cidadãos, mas contra quem? Acaso contra a Argentina? (...) Contra o Brasil, tampouco...”. Mas o que realmente faz sentir é que essa mobilização foi dirigida contra o Império brasileiro.

Solano López sentia-se estimulado a realizar uma ação contra o Brasil, inclusive por oferecimento de apoio norte-americano, conforme confirma correspondência de 2 de novembro de 1862, do Ministro Washburn, ao secretário de Estado de seu país. (Arturo Bray)

Embora os problemas lindeiros entre o Brasil e o Paraguai viessem tendo as soluções adiadas, a data limite acordada estava ainda por expirar. Mas o estopim para a deflagração do conflito estava no Uruguai. Venâncio Flores com apoio de Mitre e do Império pega em armas contra o Presidente Berro, invadindo o Uruguai em 10 de abril de 1863.

Apesar de ter composto seu ministério com pessoas de sua confiança, Solano López governava de maneira autocrática. Impunha a sua vontade, não admitindo divergências ou ponderações de qualquer tipo. Seus ministros eram apenas figurantes. O início de governo foi caracterizado pela simpatia. Estimulou os agricultores e enviou estudantes para a Europa. Concedeu empréstimos e promoveu festas populares. Não esquecendo o seu Exército.

Criou a fábrica de pólvora, arsenais, depósitos de suprimentos e aumentou a produção

de equipamento militar. Concluiu a ligação ferroviária até Paraguay e a linha telegráfica até Passo da Pátria.

Após a morte de Gaspar de Francia, o Paraguai passou a ter um relacionamento maior com os seus vizinhos e mesmo com a Europa. Mas pouco era sabido sobre o seu poder militar, nunca verdadeiramente colocado à prova. Temia-se que, aliado a um vizinho, viesse a desestabilizar o poder no Prata. Seu desenvolvimento industrial também era uma incógnita.

Solano López, em função da sua participação diplomática, parece ter confundido o respeito de seus vizinhos por temor. A cordialidade de Mitre, procurando aproximar-se, as constantes solicitações de apoio do Uruguai e a moderação da diplomacia brasileira foram vistas, por Solano López, como medo. Superestimou o poder político e militar do seu país e rompeu com o isolacionismo. Passou a procurar uma posição destacada na política do Prata.

A busca do reconhecimento da sua posição de destaque e do seu poder político passou a ser uma obsessão. Não via o momento de demonstrar o seu poder militar. Julgava ter o Exército de melhor aprestamento dentre os países platinos. A visão distorcida levou-o sair de uma estratégia defensiva para uma postura ofensiva.

A crise uruguaia, o posicionamento argentino e o brasileiro, assim como a sua obsessão para demonstrar o seu poder militar, levaram-no a precipitar o seu envolvimento em uma guerra, onde por certo não possuía qualquer possibilidade de êxito. Somente Solano López não enxergou a realidade dos fatos. Não soube avaliar a capacidade de mobilização do Império.

### **O militar**

Solano López não teve nenhuma formação militar. Não frequentou curso ou academia militar. Carlos López nomeou-o coronel do Exército quando assumiu a Presidência da República. Logo em seguida a brigadeiro e nomeado chefe

do Exército e ministro da Guerra. Não tinha vivência alguma do campo de batalha, como era comum nos exércitos sul-americanos da época, onde os generais em sua maioria eram formados em combate.

Nas oportunidades em que levou as suas tropas para além fronteiras, nenhuma oportunidade teve de conhecer o campo de batalha.

Em 1846, valeu-lhe a alcunha de “el generalito” e um conceito pouco recomendável por parte do General José Maria Paz, comandante correntino. Disse não ter Solano López “...nenhum conhecimento militar, e o que é mais, nenhuma idéia de guerra e o modo de fazê-la.”

Na invasão de Corrientes, em 1849, não soube defender-se do ataque correntino, não conseguindo evitar uma debandada vergonhosa de seus homens diante do inimigo. Foi quando aderiu ao método de liderança pelo terror, mandando fuzilar todos os seus oficiais.

As desconfianças entre os governantes das nações do Prata foram se agravando. As suspeitas de um pacto entre o Uruguai e o Paraguai irritavam Buenos Aires. O fantasma do Vice-Reinado do Prata preocupava Solano López. O Império desentendia-se com o Uruguai, tudo caminhando para um possível conflito.

Acreditando de que um confronto com o Império seria inevitável, Solano López por certo possuía um plano de operações. Mas não se conhece a existência desse plano de operações elaborado por ele. Se o fez escrito, foi extraviado.

Para analisar Solano López como militar, ou como estrategista, só é possível por meio do estudo das suas manobras, a luz do desenvolvimento da guerra. Analisando os movimentos do seu exército ou de poucos documentos ou depoimentos que a história oferece.

O primeiro questionamento é ter Solano López partido para o conflito armado subestimando o inimigo, o seu poder militar. Além de disso, “...pode-se dizer que, antes do conflito, os paraguaios ignoravam completamente a ciência

da guerra". E não souberam avaliar seus possíveis aliados. (G.Thompson)

Ao invadir Mato Grosso, os estudiosos procuram justificar a operação "...com o objetivo de conquistar territórios julgados, por Solano López, como paraguaios; apreender material bélico e estimular as tropas com um golpe no poder militar brasileiro". Na realidade, parece ter procurado apreender material bélico, proteger a sua retaguarda de um possível ataque das tropas imperiais e desviar a atenção brasileira, de Montevideu para Mato Grosso.

Von Versen criticou López por haver perdido preciosa oportunidade na invasão de Mato Grosso (três meses), "...sem verdadeiro objetivo militar de importância". O poder militar do Império na região era pequeno e as fortalezas arcaicas e mal armadas. Os efetivos eram bem reduzidos. A hipótese de uma ação militar brasileira, partindo de Mato Grosso, era remota. A única justificativa para essa ofensiva paraguaia seria a de dominar a navegação no Rio Paraguai. No mais, perderam um tempo precioso.

O seu plano para a realização da ofensiva no teatro de operações sul previa a invasão de Corrientes, por uma força militar de 25 mil homens, sob o comando do General Wenceslau Robles. Este seguiria com uma coluna margeando o Paraná, em direção a Buenos Aires. Uma outra coluna, com 15 mil homens, sob o comando do Tenente-Coronel Antônio de la Cruz Estigarribia, cruzaria o Rio Paraná, por Encarnación, invadindo a província de Misiones, até chegar ao Rio Uruguai. Daí seguindo, acompanhando o rio, até São Tomé, onde atravessaria o curso d'água. Em prosseguimento, seguiria para o sul na direção de Uruguaiana, pela margem esquerda do Uruguai. Outra pequena coluna, sob o comando do Major Duarte, seguiria, paralelamente, pela margem direita do Uruguai.

No deslocamento, as colunas marchariam muito distantes entre si (250km). Sem objetivos intermediários e sem preocupação com a seguran-

ça dos flancos. Imagina-se que deveria ter havido a previsão de uma junção, em algum ponto mais ao sul. Possivelmente na foz do Rio Uruguai, de onde seguiriam para Montevideu ou Buenos Aires. (Von Versen)

Ao ser desencadeada a ofensiva, Solano López não seguiu com suas tropas. Permaneceu em Assunção, 500km ao norte. As colunas, distantes entre si, não tiveram uma unidade de comando, nem coordenação, nem mesmo condições para uma ligação entre elas. O Comando Supremo permaneceu em território nacional.

Estigarribia desobedeceu às ordens, não conservando os seus objetivos e ocupando Uruguaiana. Além disso deixou o Major Duarte. Foi mais incompetência do que desobediência.

O General Robles invadiu Corrientes, em 14 de abril de 1865. Deteve suas tropas em Goya e teria entrado em conluio com o Coronel Fernando Iturburn, chefe da Legião Paraguaia. Conforme denúncia do Tenente-Coronel Alem, seu chefe de Estado-Maior. Pagou com a sua vida pela traição denunciada. O Resquin, em depoimento, posterior à guerra, afirmou não acreditar nessa traição. Segundo Arturo Gray, "...os desacertos não foram tanto de López como de seus subordinados. Incapazes uns, desobedientes outros, ineptos todos". (Aturo Gray)

Solano López pecou em seu planejamento, não soube escolher seus comandantes e não demonstrou ação de comando. Sua permanência em Assunção foi injustificável. Perdeu o contato com as forças combatentes e não se fez presente no campo de batalha. Esta sua ausência, esta sua omissão viriam ser uma constante no decorrer da guerra. O fato veio repetir-se em Tuiuti; repetindo-se em Curupaity e Humaitá. Solano López só deixou Assunção em 8 de junho de 1865, quando seguiu para o seu quartel-general, em Passo da Pátria, transferindo-se, em seguida, para Humaitá e depois para Paso Pucu.

Após as tropas retornarem para o território, posicionaram-se em Passo da Pátria e Itapiru. Pre-

paravam-se para defender no corte do Rio Paraná, com cerca de quarenta mil homens dentro de um plano defensivo, cujo núcleo principal estava baseado nas fortalezas de Curuzu, Curupaiti e Humaitá “...a Sebastopol sul-americana.”).

Na manhã de 17 de abril de 1866, os aliados transpuseram o Paraná, com 9.500 homens, sob o comando do General Manoel Luiz Osório.

Com a defesa escalonada, Solano López julgou lograr vitórias, detendo o inimigo, procurando desgastá-lo durante um longo período, permitindo chegar a uma paz negociada. Não imaginou que os aliados, em particular o Brasil, estavam decididos a levar a guerra até “...a sua liquidação integral e implacável...”, de conformidade com o Tratado da Triplice Aliança. Segundo Arturo Bray, tinham como “...real objetivo (...) reduzir o Paraguai a uma potência de terceira ordem...”.

Analisando as operações de reconhecimento, realizadas pela esquadra brasileira, Solano López concluiu que o desembarque aliado seria realizado na região de Itati. Por isso instalou o seu posto de comando em Passo da Pátria. Com o desembarque aliado, na margem esquerda do Rio Paraguai, após os primeiros combates, em Itapiru, os paraguaios retraíram para Passo da Pátria e Solano López retraiu para Paso Roja, um pouco ao norte de Estero Bellaco.

Em 24 de abril, Passo da Pátria foi ocupada pelos aliados. Os combates prosseguiram até a derrota do Coronel Diaz, em Estero Bellaco. Isso forçou López a retrair para Paso Pucu, ao norte de Tuiuti. Os aliados prosseguiram para o norte de Passo da Pátria, procurando um espaço mais amplo – Tuiuti. Procuravam estabelecer uma cabeça de ponte que permitisse instalar uma ampla base de apoio ao combate, visando Humaitá.

Era 21 de maio e pela primeira vez os dois exércitos estavam realmente frente a frente. López aguardava o ataque aliado em Paso Pucu.

A lentidão dos aliados e o movimento da esquadra brasileira levaram-no a decidir por um ataque à posição inimiga, desdobrada em Tuiuti.

Ali estavam cerca de 39 mil soldados. López conta com apenas 25 mil homens. Iria passar à ofensiva.

Ao atacar Tuiuti, Solano López procurou a batalha decisiva. Seus ataques simultâneos fracassaram. “...Se aferrou Barrios ao cumprimento letra por letra da ordem recebida e, ao fazê-lo, ocasionou o fracasso”. (Arturo Bray)

O ataque paraguaio, na manhã do dia 24 de maio, procurando antecipar-se à iniciativa aliada, não chegou a constituir surpresa. O ataque, previsto para o alvorecer, só foi acontecer cerca das 11h. Além do que, ao contrário do que pensava Solano López, a sua intenção havia sido pressentida por Osório. (B. Mitre)

Solano López não soube avaliar os seus meios, e o seu reconhecimento foi falho. Não detectou a forte organização defensiva aliada, em particular a realizada por Mallet.

Segundo a avaliação de Arturo Bray, o General Resquin não era mais do que um “...mediocre comandante de tropa”. Para Garmendia, “Resquin sacrificou uma enorme massa de excelente cavalaria, sem tentar sequer a operação acertada. A formosa falange paraguaia foi batida em detalhe e feita em pedaços antes do tempo; sucumbiu bravamente, mas não com perícia”.

As falhas no estudo de situação; a falta de coordenação e de unidade de comando; a ausência do comandante-em-chefe, na linha de frente; a manobra defensiva em profundidade realizada por Osório; e seu oportuno contra-ataque decisivo levaram à vitória aliada, na maior batalha latino-americana já havida na história.

“Solano López é o único que deve carregar a responsabilidade do descalabro de Tuiuti. Não foi de Barrios a culpa de haver omitido o reconhecimento prévio.” (Bray)

Falhou o Napoleão do Prata. Falhou talvez por julgar-se um gênio militar, não ouvindo a opinião de ninguém e depreciando o valor dos soldados inimigos.

Seguem-se os combates pela conquista do objetivo principal – Humaitá. Em 3 de setembro

de 1866, 3.391 homens, sob o comando do Barão de Porto Alegre, desembarcaram frente a Curuzu, defendida pelo Coronel Gimenez, que, não tendo como manter a posição diante do ataque aliado, ordenou a retirada, abandonando os seus canhões e as suas bandeiras.

Em 11 de setembro, no início da manhã, apresentou-se sob bandeira branca, frente às avançadas aliadas, o Capitão Francisco Martinez. Portador de uma carta de Solano López propondo "...uma entrevista pessoal.." a ser realizada em Ytayti-Corá, no dia seguinte. A reunião aconteceu sem a presença brasileira. O General Polydoro recusou-se a comparecer. Venâncio Flores compareceu, mas retirou-se logo no início do encontro.

Solano López propôs a Bartolomeu Mitre um tratado de paz, com sua saída do território nacional, por dois anos. Para os aliados só uma exigência: rendição incondicional. Nada de concreto ficou resolvido na entrevista. "Solano López segue sendo, em Ytayti-Corá, o político ingênuo de São José das Flores". Não conseguiu perceber que Mitre estava preso ao Tratado da Tríplice Aliança. (Arturo Bray)

Em prosseguimento na batalha pela conquista de Humaitá, os aliados partiram para a conquista de Curupaity. Posição fortemente organizada, com assessoria do Coronel Wisner de Morgerston, engenheiro austríaco. Na manhã de 22 de setembro de 1866, inicia-se um ataque frontal aliado, com nove mil brasileiros, comandados pelo Barão de Porto Alegre. Foi realizado sem um prévio reconhecimento. Pagou-se caro por esta imprudência, negligência e omissão. José Diaz foi o grande herói paraguaio, em Curupaity. Onde estava o "Napoleão do Prata"? Em Paso Pucu. Mais uma vez ausente, o que não era normal em Bonaparte.

Após o desastre de Curupaity, o General João Luiz Mena Barreto, em 22 de julho de 1867, prosseguiu em marcha pelo flanco direito inimigo, enquanto a esquadra brasileira, sob o comando de Inhaúma, forçava a passagem se Curupaity, em 15 de agosto. Após ultrapassar a fortaleza e fundear

ao sul de Humaitá, retornou para Curuzu. Nova tentativa fez a esquadra passar Curupaity (16 de agosto) e estacionar em Arroio Oro, próximo de Humaitá. Somente em 19 de fevereiro de 1868 a esquadra ultrapassou Humaitá. Silenciosamente, os paraguaios retraíram de Curupaity para Humaitá, onde Solano López chegou em 2 de março.

Sentindo-se ameaçado, em 21 de março, Solano López abandonou Humaitá, com o grosso da tropa. Nem ao menos esperou pela Sra. Lynch e seus filhos. Atravessou o rio em direção ao Timbó e depois de nova travessia seguiu para San Fernando, mais ao norte. Antes de sair de Humaitá, mandou que fossem mortos dois mil prisioneiros. "...Ordenou que fossem todos esfaqueados..." (F. Masterman). Mais uma vez Solano López abandonou a linha de frente ao se ver em perigo. Deixou responsável pela defesa de Humaitá o Coronel Alem. Responsabilidade que mais tarde lhe foi cobrada. Diante da situação insustentável, o Coronel Alem deixou Humaitá sob o comando do Tenente-Coronel Martinez e seguiu para San Fernando, levando consigo os feridos. Ao chegar no destino, apesar de ferido, foi tratado como traidor, por ter abandonado a fortaleza.

A mãe e a esposa do Tenente-Coronel Martinez foram barbaramente torturadas e fuziladas, por ter aquele oficial se rendido aos aliados. Começara surgir o Átila?

Ao chegar em San Fernando, em 9 de julho, após ter abandonado Humaitá, Solano López já não possuía mais esperanças de vitória. Tinha consciência de que os aliados buscariam o seu aniquilamento. Assim se dispôs a resistir e lutar até o fim.

Foi nesta fase da chegada em San Fernando que Solano López começou a escrever as mais negras páginas da sua história e o período mais trágico da guerra. Chegaram às suas mãos "...papéis procedentes de Assunção, que foram interceptados e estavam destinados ao quartel-general de Caxias, continham dados e planos sobre as posições paraguaias e pareciam haver emanado do próprio irmão Benigno". Tudo indicando uma gran-

de conspiração, implicando o Ministro Washburn, da Legação norte-americana. Dentre os objetivos da conspiração estava o seu assassinato. (E. Cardoso) Diante dos fatos, indicando o envolvimento dos seus irmãos e irmãs, assim como de auxiliares bem próximos de si, em uma explosão de raiva, fez surgir "...os mais baixos instintos e se entregou, desde então, aos maiores excessos". (E. Cardoso) Reuniu-se com o General Resquin e com o Bispo Palácios procurando uma solução, para pôr fim à conspiração. Resquin sugeriu "...tratar os traidores contumazes...", querendo dizer tortura; enquanto Palácios propôs "...passar pelas armas a todos os culpados...". López houve por bem seguir as sugestões de Resquin, pois tinha "...interesse em também saber o que eles (os traidores) sabiam...". (F. Masterman) San Fernando transformou-se em um grande matadouro, ao estilo da Inquisição. Diante dos tribunais especiais estabelecidos, acusados confessavam os planos da conspiração. As suas "...declarações foram arrancadas com procedimentos da mais refinada crueldade..." (Masterman)

De 19 de junho até 14 de dezembro de 1868, foram fuziladas 368 pessoas. (E. Cardoso) Entre elas: Benigno López, Saturnino de Bendoya, José Berges, Manuel Antônio Palácios, Antônio Carreras, Francisco Rodrigues Latena e os generais Vicente Barrios e José Maria Bugres. Todos da alta esfera do Governo paraguaio. (E. Cardoso)

Em relato do General Resquin, prestado em 20 de maio de 1870, no quartel-general, em Humaitá, foram acusadas de conspiração e executadas cerca de duas mil pessoas. Afirmou ainda que a partir desse momento as execuções não teriam mais fim.

Frederic Masterman, em seu livro *Siete Años de Aventuras em el Paraguay* apresenta os Diários de Resquin (31 de maio de 1868), no qual foram relacionadas, nominalmente, as vítimas de San Fernando, em um período de seis meses. Foram paraguaios e estrangeiros fuzilados sob acusação de espionagem, traição ou deserção. Foram elenca-

das 605 execuções e registrados 60 mortos durante o traslado de San Fernando para Curubarity. O Quadro de Registro de Ordens, encontrado no acampamento de Curubarity, apresenta 834 presos, dos quais 167 faleceram e 432 foram "...passados pelas armas...". Dentre os fuzilados estavam 289 paraguaios, 50 brasileiros, 48 argentinos, além de outros de diversas nacionalidades.

Venâncio López e suas irmãs, Inocência e Rafaela, acabaram sendo indultados da pena de fuzilamento. Mas Angel Benigno López não teve a mesma sorte. Após ter sido violentamente castigado, pelo açoite, foi levado diante do pelotão de fuzilamento e executado.

Paralelamente a esse massacre, as atrocidades ocorriam rotineiramente nas prisões de Solano López. F. Masterman, durante sua prisão, pode observar de perto, através das grades, as atrocidades cometidas pelos carrascos de López. Relatou-as em seu livro, com detalhes.

Esboçava-se o *Áttila do Prata*?

Em 26 de agosto de 1868, López deixou San Fernando e instalou-se em Ita Ybaté (Lomas Valentinas).

Após o combate de Piquissiri e a manobra de Caxias através do Chaco, desembarcando em San Antônio com 21 mil homens, deu-se início à Dezembrada (Itororó, Avaí, Lomas Valentinas). Ai López esperou o inimigo com os seus sete mil homens restantes. Desdobrou as suas tropas defensivamente, em uma posição pouco organizada. Estava decidido resistir, apesar de mal armado e sitiado. O combate foi iniciado, em 21 de dezembro, com as tropas paraguaias sob o comando direto de López. Sentindo-se em perigo, fez o seu testamento favorecendo, em tudo, Elisa Lynch.

Comandando pessoalmente a defesa de Lomas Valentinas (Itá Ybaté), López levou seus soldados a uma resistência terrível. Não tinha mais esperanças, mas, apesar disso, rechaçou a intimação para rendição (24 de dezembro).

Em 25 de dezembro de 1868, a artilharia brasileira bombardeou a posição paraguaia com 46

canhões. Um dos maiores bombardeios até então realizado. Seguiu-se o lançamento de inúmeros foguetes. Mesmo assim os paraguaios resistiram ao ataque brasileiro. À noite, a cavalaria brasileira, após duro combate com o regimento de dragões, conseguiu cercar e destroçar esta tropa de elite.

Após um forte bombardeio, em 27 de dezembro, as tropas aliadas entraram na posição paraguaia, que foi sendo aniquilada. Ao ver o inimigo dentro de suas linhas, López fugiu, às pressas, apenas com dois companheiros. Fugiu "...deixando entregue à própria sorte Elisa Lynch, que saiu por entre as balas à procura dele". Toda a sua bagagem, vestimentas e "...algumas de suas escravas foram apreendidas". (G. Thompson)

Nesta época, o Paraguai possuía cerca de cinquenta mil escravos, do Estado, brancos e negros, que em dado momento foram mobilizados. (*Enciclopédia Ilustrada-Lello*)

Até então, Solano López nunca estivera diretamente sob o fogo. Sempre fora do alcance das armas inimigas. "Mas a sua fuga, no entanto, quase sem sentir o cheiro de pólvora, fez com que seus homens, tão acostumados a julgar perfeitamente certo tudo o que ele fazia, se sentissem enojados com ele. Entre os prisioneiros paraguaios, ouvi muitos comentar a covardia de López." (G. Thompson)

Até hoje, este episódio vem sendo muito discutido. Estando mal explicada a fuga de Solano López de Lomas Valentinas. Os brasileiros deixaram uma brecha na linha de cerco e por aí López evadiu-se para Cerro León, onde esperava reorganizar-se.

Após a sua fuga de Lomas Valentinas, Solano López fez um emocionado apelo à população procurando mobilizar um novo exército para o prosseguimento das operações. Aos poucos conseguiu reunir cerca de 12 mil homens, em Azcurra, o seu novo acampamento. Feridos e mutilados de combates anteriores foram chegando. Alguns prisioneiros fugidos das prisões aliadas, alguns vindos até mesmo do Rio de Janeiro e de

Buenos Aires, foram surgindo aos poucos. Estes correndo o sério risco do fuzilamento.

Peribebuy passou a ser a nova capital da República, mas esta foi logo isolada pelas tropas aliadas. López passou a ter o seu quartel-general em Azcurra.

A partir de Cerro León, até Cerro Corá, foram 13 meses e 140 léguas de marcha de uma tropa desgastada procurando livrar-se da ação dos soldados brasileiros, agora sob o comando do Conde D'Eu.

Em 12 de agosto de 1869 travou-se o violento combate de Peribebuy, com a vitória brasileira. Após o término do combate, os brasileiros degolaram o Coronel Caballero, comandante da praça, por ordem direta do Conde D'Eu.

Solano López seguiu o seu destino. Ao chegar em San Estanislao "descobriu" uma nova conspiração, onde estavam envolvidos Venâncio, Inocência e Rafaela López, o Coronel Hilário Marcó. Além de vários outros oficiais e a sua própria mãe, Juana Carrillo. Marcó foi morto lacerado pelo açoite e devorado pelas moscas. Fidel Maiz, Justo Román, Isidoro Resquin, Manuel Palácios e Silvestre Aveiros foram os escolhidos para julgar os destinos dos acusados. (Arturo Bray)

O Coronel Mongelós, comandante da guarda pessoal de Solano López, foi fuzilado por não haver percebido a conspiração. Não houve culpa formada para este oficial. Com ele foram mortos também o Major Rivero e mais 16 oficiais e 86 soldados, que estavam sob o seu comando.

Em Capivary foram executados o Alferes Aquino e mais 69 soldados, além de D. Pancha Garmendia. Esta lanceada. A partir daí as execuções passaram a ser feitas pela lança, para economizar munição. Como os soldados responsáveis pelas execuções encontravam-se debilitados, eram obrigados a dar quatro a cinco golpes, para conseguir a morte do condenado. (Arturo Bray) Venâncio López foi açoitado diariamente durante toda a marcha. Tinha o corpo todo coberto de feridas infectadas, sendo conduzido amarrado, pela cintura, por uma corda, pela qual era arrastado. Em Chirigüelo, Venâncio expirou implorando por água.

D. Juana Carrillo foi julgada e condenada, após interrogatório feito pelo Padre Fidel Maiz. Segundo Manuel Palácios, esta senhora chegou a “...ser castigada com a espada pelo Coronel Aveiro...” Foi mantida presa em um carro. Uma jaula com rodas.

Resquin, Aveiros, Palácios, e Goiburú, sicários de López, ao caírem prisioneiros dos brasileiros, não tiveram a honradez e a hombridade de assumir as atrocidades cometidas. Jogaram toda responsabilidade sobre os ombros de Solano López. Aveiros chegou a pedir clemência ao Conde D’Eu.

Não se pode afirmar que Solano López estivesse ignorando tudo o que ocorria. Mas também não se pode afirmar de que foi o único culpado. “Por essa época, Solano López era um homem cujo espírito entrou em um permanente desequilíbrio, saindo de órbita de toda serenidade”. Esta parece ser a interpretação mais justa. (Arturo Bray)

A partir de San Fernando, quando tomou conhecimento da conspiração envolvendo os seus familiares e inúmeros companheiros que privavam do

seu relacionamento, foi mudando o seu comportamento. Com amargura pela traição, daqueles que lhe eram caros, foi se tornando cada vez mais violento. Já não devia estar em toda a sua razão. Passou a tomar as suas decisões de modo duro e frio.

Na manhã calorosa de 1º de março de 1870, Solano López vem a falecer após um golpe de lança dado pelo cabo Francisco Lacerda, o “Chico Diabo”, que lhe atingiu o abdome, enquanto um soldado desferia-lhe um golpe de sabre na frente. Ao tentarem desarmá-lo, ainda tentou reagir, quando um tiro partido não se sabe de onde prostrou-o por terra.

“O Paraguai é por fim livre”, diz Arturo Bray em seu livro.

Após estudar a vida de Solano López, procurando analisar a sua personalidade e as suas qualidades como homem, como militar e como chefe da nação paraguaia, podemos ter a certeza de que não foi um Napoleão, tampouco um Átila. Foi, em realidade, apenas Francisco Solano López. ☺

#### Referências bibliográficas

- BRAY, Arturo: *Solano López-soldado de la gloria y del infortunio*. Carlos Schanman Ed. – 3ª ed. Assunção: 1984.
- BARROSO, G. *História Militar do Brasil*. BIBLIEX. Rio de Janeiro: 2000.
- CARDOSO, Efraim. *Hacen Cien Años*. Ed. EMASA. Assunção: 1971.
- . *El Paraguay Independiente*. Ed. El Lector. Assunção: 1996.
- CANARD, Benjamin e col. *Cartas Sobre la Guerra Del Paraguay*. Ed. Da Academia Nacional de la Historia. Buenos Aires: 1999.
- CENTURION, Ten Cel J.C. *Memórias o Reminiscencias Históricas sobre la Guerra del Paraguay*. Ed. Guaranía. Assunção: 1948.
- CUARTEROLO, M. A. *Soldados de la Memoria*. Ed. Planeta. 1ªed. Buenos Aires: 2000.
- CUNHA, M. A. *A Chama da Nacionalidade*. BIBLIEX. Rio de Janeiro: 2000.
- DORATIOTO, Francisco M. *O Conflito com o Paraguai*. Ed. Ática. São Paulo: 1996.
- . *Maldita Guerra*. Cia. das Letras. São Paulo: 2002.
- ESCUADERO, A. G. *Francisco Solano López - el Napoleón de Paraguay*. Biblioteca Iberoamericana. Madri.
- FIGUEIREDO, L. *Grandes Soldados do Brasil*. 5ª edição. Liv. José Olímpio Ed. São Paulo: 1950
- GODOI, J.S. *El Fusilamiento Del Obispo Palácios y los Tribunales de Sangre de San Fernando - Documentos Históricos*. Ed. El Lector. Assunção: 1996.
- LORETO, A. *Os Antecedentes da Guerra do Paraguai*. BIBLIEX. Rio de Janeiro: 1953.
- MAGNATERRA, O. J. *La Guerra de la Triple Alianza*. Ed. Dunken. Buenos Aires: 2002.
- MASTERMAN, J. F. *Siete Años de Aventuras en el Paraguay*. Juan Palumbo Ed. Buenos Aires: 1911.
- MOURA, Maj. A.H.S. *Guerra da Tríplíce Aliança e suas contribuições para a evolução do Exército Brasileiro*. Monografia da ECEMEx. Rio de Janeiro: 1996.
- MOURA, Gen. Aureliano P. de. “Tuiuti”. Palestra no IGHMB. 2002.
- RESQUIN, F. I. *La Guerra Del Paraguay Contra la Tríplíce Alianza*. Ed. El Lector. Assunção: 1996.
- RUBIANIJ. *La Guerra de la Tríplíce Aliança*. ABC Color. Assunção: 2001.
- SENA MADUREIRA, A. *Guerra do Paraguai*. Ed. Universidade de Brasília. Brasília: 1982.
- THOMPSON, G. *Guerra del Paraguai*. Ed. Conquista. Rio de Janeiro: 1968.
- VON VERSEN, M. *História da Guerra do Paraguai*. Ed. Universidade de São Paulo. São Paulo: 1976.